

Expresso (a revista) - julho 1988  
Entrevista com Maria José Mauperrin



## Daciano Costa : um “designer” sem pedestal

*Há vinte e cinco anos que o seu nome é de referência obrigatória quando se fala do “industrial design” português.*

*Entre o Chiado-- “marcado” já pela estátua de Pessoa e o seu “atelier”, Daciano Costa conversa sobre o mundo desta “arte sem pedestal” que envolve o nosso quotidiano.*

Pernas onstensivamente cruzadas. Cotovelo apoiado sobre o tampo da mesa. Mão estendida como quem espera vir a segurar a chave-na ou o copo que lhe será trazido por atento e solícito empregado da brasileira, Pessoa deixa-se na sua imobilidade admirar pelos intrigados passantes que o olham porque pouco são os que o ousam tocar.

Há no entanto, quanto à sua identidade, dúvidas que se expressam em perguntas sonoras: “É o Pessoa, não é?”

“Foi amigo do meu avô-- refere alguém depois de ouvir confirmada a sua interrogação. Está muito parecido. Até tem bigode”.

Quem não parece interessada na pessoana figura é Augustina Bessa Luís, que deixa a Brasileira e pára, hesitante, como quem procura um caminho.

“Os poetas e a poesia não são objectos de marketing” -- observa Daciano Costa. “Começo a aperceber--me de um certo folclore à volta das comemorações deste centenário. Não podemos esquecer que este país foi sempre um grande produtor de biombos”. Professor de Desenho da Faculdade de Arquitectura, “industrial de designer” há 25, Daciano Costa é homem que usa a fala como uma criação permanente de imagens que caracterizam fraquezas e sobretudo hipocrisias. O mesmo não acontece quando se refere à actividade que exerce e que de certo modo o coloca numa situação de pioneiro.

“Blazer” azul, calça cinzenta e gravata da mesma tonalidade, sapatos pretos onde brilha grossa fivela de metal, chapéu de chuva de padrão escocês em tons discretos e escuros, postura segura, num primeiro olhar seria fácil confundilo com um presidente de conselho de adminis-

tração de instituição bancária.

Expresso- Não é de surpreender que uma pessoa com a sua formação tenha optado por uma imagem de representação tão formal? Tão conservadora? Coço penso que não tenha sido uma escolha inocente, pergunto-lhe: porquê não?

Daciano Costa- “Eu sou conservador , sobretudo de intenções . Por outro lado não penso que o hábito faça o monge”.

EXP- Mas, vestido desta forma, não receia criar uma imagem que poderá levar a uma certa distância dos alunos, sobretudo na especificidade da sua área de ensino?

D.C.- “Não pratico o “porreirismo” académico. Não tenho qualquer vontade de me confundir com os meus alunos. Considero que os professores estão nas aulas para ensinar e não para afagar constantemente o “ego” dos meninos. Creio que sim, temos de constituir para eles uma referência”.

**“Quero que o pessoa se lixe”**

Não fora propriamente para falar do seu trajar que havíamos procurado Daciano Costa, na Faculdade de Arquitectura. O seu nome é de referência obrigatória quando se fala do “Industrial Design” em Portugal. Esse foi o nosso objectivo, que apenas sofreu os desvios próprios de uma conversa avulsa ao atravessar o Chiado a caminho do seu “atelier” em Santa Catarina (naquilo que foram as cavalariças do palácio Mendia).

Foi nesse curto trajecto que deparamos com a estátua de Fernando Pessoa e com persona-

gens vivos, cultores das palavras como Augustina e Batista Bastos.

O sorriso aberto de B.B. desafiava o ar carrancudo da manhã de uma primavera sem sol. Uma alegria que se expandia nas bolas brancas, sobre fundo escuro, do seu constante lacinho.

Das frases de circunstância a preencher o iato no encontro casual, ainda mal refeitos da inusitada presença pessoana na plataforma em frente à Brasileira, surge o desejo de desocultar impressões, de conhecer opiniões.

“Quero que o Pessoa se lixe!”-- exclama alto Batista Bastos. Eu estou com os meus amigos anarquistas que dizem: Tanto Pessoa já enjoa.” A frase fica a pairar entre os que passam apressados, acotovelando quem ousa parar em tão movimentado lugar. “Ninguém ligou nenhuma ao centenário do Cesário Verde, aliás um poeta a quem o próprio Pessoa reconhece dever muito.”

Pressuroso, Daciano Costa não deixa a “deixa” por boca alheia. Rápido, acrescenta: “Já se tinham percebido as tuas preferências quando persegues pelas calçadas as torneadas pernas das varinas” (numa clara alusão a Cesário).

### O “design” como opção Ideológica

Para os olhos haituados à caótica urbanização da cidade, Lisboa reserva-nos ainda surpresas reconfortantes. Uma delas é o inesperado espaço onde se situa o “atelier” de Daciano Costa. Lugar privilegiado entre arbustos e água remuante, uma construção baixa e contínua, envidraçada, vira-se para a área verde entre as paredes altas do palácio Mendia.

Música em fundo acrescenta ao lugar uma harmonia propiciadora de brandas conversas.

Por isso mesmo a conversa irá mudar de tom.

D.C.- “Você pretende então que eu lhe diga o que é o “design”. Quer uma definição?”

EXP.- Antes, gostaria de saber porque abandonou a pintura depois de uma licenciatura nesta

disciplina de arte e passou a dedicar-se ao “design”.

D.C.- “Não creio que isso possa interessar as pessoas. No entanto, digo-lhe que o fiz por uma opção ideológica. Isso não aconteceu apenas comigo. Foi um processo que levou alguns artistas plásticos e arquitectos da minha geração a fazerem essa opção”.

EXP.- Em que é que o “design” poderia servir as vossas opções ideológicas?

D.C.- “Não nego que subjacente a essa nossa atitude estava uma certa dose de ingenuidade e de romantismo. Pensávamos que iríamos com a nossa acção, numa disciplina nova, melhorar o ambiente com a chávina produzida aos milhões contendo a “mensagem” do artista plástico. O que, sendo uma ingenuidade de todo tamanho, não deixou de servir, no entanto, de ponto de partida para se começar este negócio com este burrinho”.

EXP.- Atendendo que ainda hoje o “industrial design” não tem expressão em Portugal, como foi o seu começo nesta actividade?

D.C.- “Quando me escarranchei no “burro de Sancho” foi integrando-me numa empresa industrial a Metalúrgica da Longra. Isto começou há 25 anos. Desde essa altura que desenho móveis”.

EXP.- Nessa empresa criou móveis para escritório?

D.C.- “Exacto. Desde 1962 que sou consultor da empresa e projectista dos seus produtos de série”.

EXP.- Insisto na pergunta. Em que é que essa experiência serviu a opção ideológica que o levou a trocar a pintura pelo “design”?

D.C.- Serviu para demonstrar que, numa

empresa de baixa tecnologia de mão-de-obra intensiva, em que o seu produto se consumia através de uma opção de gosto, esse valor acrescentado podia ser uma componente importante no desenvolvimento da empresa. E foi”.

EXP.- Mas antes da sua actividade na Longra e de ter completado o curso de pintura da ESBAL, não trabalhava já em regime independente no seu “atelier”?

D.C.- “Tenho “atelier” próprio desde 1959, onde iniciei a prática de projectista que abrangia as áreas da especialidade de desenho de Exposições, Industrial Design e Arquitectura de Interiores”.

EXP.- O seu curriculum não se esgota aí. Como docente, por exemplo, exerceu funções em várias escolas.

D.C.- “Fui professor na António Arroio desde 1953 até ao final dessa década. Em 1964, e durante dois anos, participei como docente no curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes. Na década de 70 leccionei na Fundação Ricardo Espírito Santo. Como sabe, agora sou professor da Faculdade de Arquitectura”.

### **Zonas Nebulosas**

Embora o “industrial design” seja um evento surgido com a Revolução Industrial, com a utilização da máquina na produção de objectos projetados pelo homem, muitas são ainda as zonas nebulosas (sobretudo para um público menos informado) que envolvem ou confundem os perfis desta actividade de passado ainda recente. Não é raro por isso ver-se confundir forma e metodologias com processos de produção.

Ou seja: apelar de peça de “design” o que não é mais do que um exercício de estilo do seu autor.

D.C.- “Há de facto algumas precisões, nesta área, que têm de ser feitas. O “industrial design” é a produção de objectos legitimados pela produção industrial e pelo uso. O “design” deve ser encarado como uma disciplina global, com uma componente projectual importante que tem a ver com a função de uso e com a função mediadora do objecto. É aí que um artefacto. É aí que os produtos de artesanato mesmo os de artesanato erudito, de que há agora inúmeras experiências entre nós, embora lhe chamem produtos de “design”, não o são. Ainda que eu pense não ser necessária esta precisão etimológica”.

EXP.- Quer então dizer que muitos dos produtos que estão à venda em boutiques de decoração e mobiliário, apresentados como peças únicas ou de produção limitada, não são objectos de “industrial design” mas de “artesanato erudito” e conseqüentemente, não são “design”? Como fazer a distinção?

D.C.- “O projectista de objectos para a indústria, ou, se quisermos, o “industrial designer” não é apenas um sujeito que produz um determinado projecto a partir de um conjunto de ideias resultante de análises diversas, inclusive a da componente económica desse objecto. Ora ele não o pode desenhar com a mesma atitude de isolamento de um artista plástico”.

EXP.- E também nisso difere do chamado “designer artesanal”, que se enquadra mais na situação do artista plástico?

D.C.- “O “industrial designer” não vai entregar no guichet da empresa um projecto feito. Ele terá de conviver com os diversos agentes produtores. Deverá integrar-se verticalmente num determinado processo produtivo. É nessas circunstâncias também um quadro técnico”.

EXP.- No perfil que traçou do “industrial designer”, não terá excluído uma das componentes que serão mais significativas: a da criatividade?

D.C.- “O conceito de design traz consigo um outro pressuposto: o da arte pedestal. Um conceito de uma disciplina que pode ser praticada em grupos. E ainda o da generalização da criatividade que advém da possibilidade de interverem, a diversos níveis, várias pessoas nesse processo criativo. É só assim que se podem transformar as coisas em objectos. É isso que irá dar conteúdo cultural aos objectos produzidos pela indústria”.

EXP.- O que os distingue do que designou como “artesanato erudito”.

D.C.- “O artesão (que pode ter e, neste caso, tem quase sempre, uma formação académica de “designer”, mas que não se enquadra no processo que referi para o “designer industrial”) produz com as suas próprias mãos um modelo, uma matriz ou um molde. Fá-lo depois reproduzir por outros artesãos (marceneiros, carpinteiros, torneiros). Sem menosprezo pela sua intervenção, considero essa actividade como processo demasiado ensimesmado para o entender como uma atitude moderna. E digo isto no sentido pós-moderno”.

EXP.- Importa-se de explicitar melhor?

D.C.- “Há que compreender que as sociedades estão na fase pós-industrial e a cultura se encontra na fase pós-moderna. O modernismo foi banalizado. Esgotou-se na mediocridade. O pós-moderno é a evolução lógica da cultura.

Numa conversa que corria risco de apenas se circunrever à área específica de uma disciplina ainda geradora de vários equívocos, havia que perguntar qual a importância atribuída ao “design” nas sociedades modernas.

D.C.- “ A sua importância está relacionada com o facto de, cada vez mais, os objectos se estarem a transformar em símbolos. Em formas de mediação.

Nesse sentido, o “design” é um precioso con-

tributo, como disciplina crítica, no ordenamento do ambiente urbano, sem o qual as populações correriam sérios riscos de serem remetidas a um altismo trágico”.



*“ A importância do “design” está relacionada com o facto de, cada vez mais, os objectos se estarem a transformar em símbolos, em formas de mediação. Neste sentido, o “ design” é um precioso contributo, como disciplina crítica, no ordenamento do ambiente urbano.”*